

O 25 de Abril de 1974 foi uma Revolução libertadora que devolveu a liberdade e a democracia ao povo português. Foi um grito popular que ecoa na nossa História. Nessa madrugada, os capitães de Abril abriram o caminho e, pela manhã, o Povo fez-se dono da História.

Nas ruas, nasceu o que Grândola Vila Morena cantou: *“o povo é quem mais ordena”*.

Abril foi liberdade a explodir – de pensar, de dizer, de lutar. Lutar pelo pão, pela saúde, pela educação, pela dignidade.

Um país novo a erguer-se contra o silêncio antigo.

Como nos dizem os versos de Sophia de Mello Breyner Andersen *“Esta é a madrugada que eu esperava”*: a madrugada limpa onde começara a justiça.

Não foi transição suave – foi rutura.

Foi o derrube do medo, conquistado por anos de resistência de vozes que nunca se calaram e que muitas vezes deram a vida pela Liberdade, como aconteceu a muitos comunistas.

Celebrar Abril é recusar o esquecimento. É lembrar o fascismo para que jamais volte disfarçado. É defender o que nasceu então: democracia viva, poder local, participação popular. É exigir o que falta cumprir e proteger o que querem diminuir, com avanços e recuos, melhores ou piores resultados, mas sempre em confronto com as ideias e as práticas do passado e em rutura total com elas.

O que está por cumprir ou realizar não é responsabilidade de Abril, mas dos que nunca se conformaram com o que teve de mais avançado, transformador e progressista e tudo têm feito para empobrecer ou mesmo amputar expressões dessa dimensão.

Comemorar Abril exige afirmar o que a Revolução representa e expressa enquanto processo libertador, com profundas transformações na sociedade portuguesa: Um dos mais altos momentos da vida e da História do Povo português e de Portugal.

Comemorações em que é imperativo não deixar esquecer o que foi esta Revolução e representou, na avalanche interpretativa dos que lhe negam a sua natureza, alcance e características ímpares.

Abril é Liberdade, mas também Construção.

Construção de um poder novo, próximo das populações, nascido da sua acção directa e consagrado na democracia.

Um poder local vivo, participado e plural.

Mas Abril é também a defesa da Constituição da República Portuguesa e dos Direitos nela consagrados de forma pioneira, que preconizam justiça social e os direitos do Povo à saúde, à escolaridade, à habitação, ao trabalho digno, bem como, ao princípio de não discriminação de ninguém, em virtude de crenças, sexo, origens étnicas ou quaisquer outras razões.

Abril não é passado – é tarefa.

É memória e é caminho.

E enquanto houver quem lute, Abril continua!

25 de Abril sempre, fascismo nunca mais.